

**SEXUALIDADES DESVIANTES: A BISSEXUALIDADE
EM UM MILHÃO DE FINAIS FELIZES**

Carlos Cavalcanti*

Ricardo Postal**

Recebido em: 18/05/2020. Aceito em: 29/04/2021

RESUMO: A sexualidade é um campo que tem ganhado espaço para discussão, tanto nos estudos acadêmicos quanto na produção literária. Nesse sentido, a Literatura Juvenil incorpora esse campo de discussão também nas suas produções, mas, a respeito das sexualidades que não contemplam o molde heteronormativo, observa-se ainda certa invisibilidade no tratamento delas e de suas representações. Com isso em mente, no presente trabalho, observa-se, à luz de teóricos como Michel Foucault (2003), Judith Butler (2002), Jeffrey Weeks (2001), Guacira Lopes Louro (2001), como a obra de literatura juvenil nacional, *Um milhão de finais felizes* (MARTINS, 2018), representa a invisibilidade da bissexualidade em relação a outras sexualidades moldadas segundo os dispositivos de opressão e regulação da sexualidade. Acreditamos que o modo como a bissexualidade é apresentada promove uma consciência dos jovens leitores sobre sua existência e sua regulação pelos dispositivos heteronormativos, dando um passo importante nesse âmbito para a literatura juvenil contemporânea brasileira.

Palavras-chave: Invisibilização. Literatura juvenil. Sexualidade.

Introdução

Levando em consideração a definição inicial de Literatura como “uma narrativa dotada de especial poder de encantamento” (SOUZA, 2007, p. 11), pode-se inferir que, com ela, o leitor ou o apreciador é capaz de fruir de experiências imaginativas que, talvez, até então, não tenha vivido. Roberto Acízelo de Souza (2007) discute, a partir dessa constatação, se é possível teorizar a Literatura e, nesse caso, como definir o seu objeto por observar a relação entre a significação histórica básica e sua definição moderna. Assim, encontramos as definições para a Literatura como: a) conhecimento das técnicas de escrita (até o século XVIII) e b) atividade dos que se interessam pelas letras e o conjunto de obras escritas (a partir do século XVIII), permitindo à modernidade caracterizá-la de acordo com a temática, época, bibliografia,

* Licenciado em Letras - Português e Inglês e suas respectivas literaturas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco - Unidade Acadêmica de Garanhuns (2017). Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade de Patrocínio. Mestrado em andamento na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

** Professor Associado no Departamento de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE.

entre outros elementos. Dessa forma, nessa segunda acepção, encontram-se a Literatura Biográfica, a Literatura de Ficção Científica, a Literatura Juvenil. Nessa última, insere-se a obra *Um milhão de finais felizes*, do brasileiro Vitor Martins, publicada no ano de 2018, pela Editora Globo Alt e que consiste no objeto de análise deste artigo. A Literatura Juvenil, tal qual o nome indica, é marcada predominantemente pela perspectiva do jovem acerca do mundo, com um tom leve e, por vezes, humorístico, mesmo ao falar de assuntos que ainda estão envoltos em uma espécie de tabu (CRUVINEL, 2009). Um exemplo desses assuntos é a sexualidade. Percebe-se, na atualidade, que o debate sobre a sexualidade tem ganhado novas dimensões no campo da Literatura, considerando não apenas o modelo da heterossexualidade, como também de outras sexualidades, e isso se vê refletido na produção e na tradução de obras que chegam ao Brasil e que abordam essa temática voltada para jovens, como nas obras do escritor David Levithan (*Boy Meets Boy*, *Two Boys Kissing*, dos anos de 2003 e 2013, além, também, de *Will & Will*, criada em parceria com o escritor John Green no ano de 2010) que tratam do relacionamento afetivo e amoroso entre adolescentes em idade escolar, estando representados uma drag queen, jovens gays e lésbicas, pessoas que constituem relações entre si e com as demais personagens heterossexuais, sejam jovens ou pessoas adultas.

Antes de se fazer presente em discussões na Literatura, porém, a sexualidade possui uma história marcada por uma série de repressões, que abriram espaço para falar sobre o dispositivo da sexualidade como um conjunto de estratégias potentes de regulamento e controle dos corpos e identidades, sobretudo sexuais, dos sujeitos ao passo que a Igreja, agindo como principal instrumento regulador, assumia a tarefa de direcionar as pessoas para uma sexualidade normal (FOUCAULT, 2003), entendendo-se como ‘normal’ a sexualidade que é moldada nos termos da heterossexualidade, em que o homem deve sentir afeto e desejo sexual pela mulher e vice-versa. Os casos de pessoas que fugissem às práticas ‘naturais’ iam contra os mandamentos da Igreja e, por isso, deviam ser abominados. Essa prática foi além e se condensou nos sentidos do pecado perante a Igreja e da anormalidade diante da ciência sexual positivista.

Ao longo da História foi sendo instituída, em contrapartida à homossexualidade e a outros ‘comportamentos pagãos’, a heterossexualidade, em concomitância com a heteronormatividade, como algo ‘natural’, de forma que passasse a funcionar como referência para todos os campos e para os sujeitos (LOURO, 2008). Assim, enquadra-se a homossexualidade (masculina e feminina) e outras práticas, como a bissexualidade, a transexualidade, como categorias desviantes da norma heterossexual e, ainda que posteriormente se reconheçam essas sexualidades como formas de relacionar-se, elas têm de ser vividas sob um modelo heteronormativo. É o caso do “quem é o homem e quem é a mulher da relação?”, pergunta muitas vezes feita por uma pessoa heterossexual

cis que busca articular, dentro dos moldes da heteronormatividade, quem é ativo e, por sua vez, quem é passivo em uma relação homoafetiva. Sendo desviantes, essas sexualidades, em geral, foram tratadas na Literatura como práticas imorais que, no entanto, passam por uma constante ressignificação através das abordagens diversas em torno de vários assuntos relacionados especificamente a elas. Contudo, pode-se perceber ainda que, sob essa ótica, a bissexualidade está em um patamar de maior invisibilidade na Literatura em relação à homossexualidade.

Academicamente, porém, ainda que essa invisibilidade exista, seja em maior ou menor grau, essas sexualidades desviantes estão recebendo um olhar mais crítico nas pesquisas das últimas décadas, sendo desenvolvidos estudos em diversas áreas. Jeffrey Weeks, por exemplo, estuda a sexualidade desde a década de 1960 e tem, entre outros, trabalhos publicados em traduções, no Brasil, que constam na obra de Guacira Lopes Louro, que também depreende estudos sobre as pedagogias da sexualidade. Isso sem mencionar os estudos da filósofa Judith Butler (2002) sobre a teoria *queer*, que, como aponta o nome, apropria-se de um termo pejorativo e lhe dá um novo valor de juízo: *queer* não é mais algo que humilha, mas que empodera. Assim sendo, o presente artigo procura, à luz da bibliografia analisada no que diz respeito à teorização de uma literatura para jovens e do campo dos estudos culturais, de gênero e sexualidade, evidenciar a tentativa de transpor a invisibilidade do tema bissexualidade em relação a outros temas presentes na obra *Um milhão de finais felizes* (MARTINS, 2018).

A literatura para jovens

A produção literária voltada para jovens tem ganhado força nas últimas décadas. Longe de produzirem-se histórias com moral ou contos de fadas, como era costume nesse tipo de produção voltada quase que diretamente para as crianças, a Literatura para jovens voltou seu olhar para histórias que, entre outras, aproximam a realidade do jovem à ficção, mesmo que sejam narrativas maravilhosas ou de fantasia.

No mercado editorial, as obras publicadas de Literatura Infantil e Juvenil utilizam elementos que as tornam atrativas para crianças e jovens. Dentre eles, estão, além da apresentação do texto verbal corrido, o uso de ilustrações que podem vir no início dos capítulos/seções ou em alguma parte de algum capítulo. Além disso, as obras trazem, em sua estrutura interna, diversos formatos textuais, como a carta, o e-mail, as mensagens de texto via SMS ou WhatsApp. Essas características saltam aos olhos do público jovem, chamando sua atenção e, por sua vez, despertando o gosto pela

leitura. Por fim, incentivados pela vontade de querer ler mais obras, quer com a mesma temática quer com temáticas diferentes, de modo a expandir sua habilidade de leitura, acabam contribuindo diretamente para a produção de mais e mais obras de Literatura Juvenil.

Segundo Nelly Novaes Coelho (2000a, p. 127), “um dos fenômenos mais evidentes do mercado editorial brasileiro destes últimos anos vem sendo a expansão inusitada da produção literária destinada a crianças e adolescentes”. Além disso, essa produção leva em conta uma diversidade crescente de temas e estilísticas de acordo com a multiplicidade de visões de mundo (COELHO, 2010) que mantém relação com a evolução das discussões atuais sobre os mais variados temas, entre eles, uso de drogas lícitas e ilícitas, política, depressão e distúrbios psicossomáticos, sexualidade. Esses temas podem conter uma narrativa mais ou menos fantasiosa ou realista, utilizando de recursos humorísticos, trágicos, entre outros, incorporando também elementos visuais nas obras, como visto acima, de acordo com a intenção de escrita.

Para Coelho (2000b), essa relação do imaginário com certa dose de realismo e verdade aliada a estruturas narrativas que prezam também a fantasia, no processo de escrita, está ligada ao que a autora chama de Linha do Realismo cotidiano. Nessa linha, encontram-se “situações radicadas na vida do dia-a-dia comum” (COELHO, 2000b, p. 156) e que, entre outras coisas, podem enfatizar as relações afetivas, sentimentais ou humanitárias. Essa estrutura, que faz uma representação do cotidiano jovem, permite que muitos se identifiquem e escolham ler obras nas quais as histórias chamem atenção por incorporarem traços de sua realidade.

Com base nisso, a obra escolhida como *corpus* de análise apresenta, em seu enredo, fatos e acontecimentos do dia a dia dos dois protagonistas e de outras personagens que buscam deixar evidente esse realismo cotidiano, que em muito se assemelha ao cotidiano de jovens com idade semelhante à das personagens. Não é nosso intuito, entretanto, observar a recepção da obra por adolescentes, mas a capacidade de transportar aspectos da realidade para a ficção. Em *Um milhão de finais felizes* ainda há uma relação entre realismo e fantasia, como será visto adiante, expressa na escrita de histórias sobre temas que giram em torno de motes coletados na realidade costumeira e em cuja realidade se estampam questões de ordem da sexualidade das personagens.

Sexualidades desviantes

Falar a respeito da sexualidade é tratar de um assunto privado, mas que tem dimensão política e social. Essa dimensão está relacionada à significação cultural dos e nos corpos, sendo

estes alterados cultural e socialmente, constituindo, contudo, a referência que ancora a identidade do sujeito (LOURO, 2001). As ‘narrativas pessoais’, como Guacira Lopes Louro (2001) chama, são fundamentadas no corpo, uma vez que ele é encarado como a corte que produz o julgamento sobre o que somos e o que podemos nos tornar. Desse modo, as discussões sobre uma identidade sexual e/ou de gênero giram em torno de como nossos corpos são inscritos na sociedade, pois são reconhecidos por ‘marcas’ (características físicas ou de personalidade) definidoras da identidade:

De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos. As imposições de saúde, vigor, vitalidade, juventude, beleza, força são distintamente significadas, nas mais variadas culturas e são também, nas distintas culturas, diferentemente atribuídas aos corpos de homens ou de mulheres. Através de muitos processos, de cuidados físicos, exercícios, roupas, aromas, adornos, inscrevemos nos corpos marcas de identidades e, conseqüentemente, de diferenciação. Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam (LOURO, 2001, p. 15).

A sociedade constantemente impõe aos seus membros ‘regras’, seguidas de maneira a sempre perseguir um ideal que se apresenta, diversas vezes, inalcançável para algumas pessoas. É nesse ideal que são significados os corpos, de acordo com as marcas inscritas neles, que dizem respeito não apenas ao modo como nos vestimos, mas como vivemos e nos comportamos, e pelos quais nossos corpos são diferenciados. Essa diferenciação gira em torno do que é certo e errado, afetando diversos campos onde se inserem, por exemplo, o que diz respeito ao que é belo (cor de pele, tipo de cabelo, biotipo corporal), formando uma espécie de matriz que enquadra as identidades em um processo excludente entre o que é normal e o que é anormal. Do ponto de vista da moda, por exemplo, ainda que os sujeitos negros, gordos, entre outros atualmente estejam ganhando espaço, por um bom tempo foram apontados como anormais, pois não se enquadravam nas características marcantes do padrão estabelecido anteriormente.

Judith Butler (2002), estudando os corpos abjetos¹, especifica que essa matriz pressupõe o estabelecimento de fronteiras que, ao definir o que são os sujeitos, simultaneamente excluem os seres abjetos. Isso entra em acordo com o que Guacira Louro (2001) explica como o treinamento para perceber e classificar os sujeitos, como se apresentam corporalmente e se comportam, sendo sempre

¹ Corpos que, pela lógica simbólica hegemônica, não possuem valor de sujeito e, por isso, reforçam o valor dos corpos normativos, isto é, corpos que importam. Frequentemente, eles são excluídos da significação do sujeito.

mutável tal classificação, pois, para Butler (2002), a consolidação dessas identidades são construções discursivas realizadas através de um processo de exclusão do que está em desacordo com a sua coerência. Butler (2002) explica, com isso, a ideia do exterior constitutivo, isto é, o processo em que a identidade do sujeito é construída através da negação do que é diferente em uma relação de oposições, muitas vezes binárias: gay *x* heterossexual, homem *x* mulher, branco *x* negro, magro *x* gordo. Logo, o que está fora do que se considera como constituinte da identidade faz parte do exterior constitutivo (DIAZ, 2013).

A existência desse exterior constitutivo, em uma relação de oposições, reafirma uma lógica falocêntrica (DIAZ, 2013) que estabelece o feminino como exterior constitutivo à masculinidade, a homossexualidade e outras sexualidades desviantes como exterior constitutivo da heterossexualidade, entre outras. Desse modo, ele atua na construção identitária tanto quanto o gênero também o faz. Este último, pois, diz respeito a uma construção histórica e social permeada pelas características biológicas (LOURO, 1997), sendo entendidos gênero e sexualidade como inter-relacionados, uma vez que, na linguagem, as identidades sexuais (constituídas através das formas as quais o sujeito vive sua sexualidade) e de gênero (masculino ou feminino) se confundem.

Regulação, repressão e invisibilidade

É no corpo que as identidades se realizam, por ser ele o lugar da sexualidade. Entretanto, de acordo com Jeffrey Weeks (2001), a sexualidade vai além do corpo, pois tem a ver com as crenças, as ideologias e as imaginações não apenas do sujeito, mas da sociedade. A sexualidade é moldada historicamente no interior de determinadas relações de poder. Dentre essas, as da Igreja e as do Estado têm expressado crescente interesse no modo como os sujeitos se comportam, isto é, como pensam e agem, utilizam seus próprios corpos, de modo que possam ser regulados.

Um exemplo prático dessa regulação é o da evolução da pastoral católica, no século XVII e estendendo-se pelo século XVIII, estudada por Foucault (2003). O filósofo afirma que a igreja passou a incentivar discursos sobre a sexualidade, sob a forma de confissão, de modo que se pudesse regulá-la através de seu controle. Prova disso foi o objetivo claro de acelerar a confissão anual, na Contrarreforma, para que se impusessem regras precisas de exame de si. Por extensão a essa lógica pastoral, nos dias atuais, podemos citar ainda a atividade dos psicólogos e dos psicanalistas. Percebe-se que há uma manutenção do poder relacionado à confissão entre o que confessa e o que escuta, ainda que, nesse segundo caso, a intenção principal não seja a de corrigir/regular, mas de compreender os

processos psicológicos de constituição da identidade a partir da identificação para compreensão e proposição de uma mudança de atitude em relação às frustrações.

A respeito disso, Foucault (2003) critica a hipótese repressiva, que ele define como a crença de que a sociedade constantemente controla a sexualidade, definida pelo filósofo como uma energia que o corpo exala. Para o filósofo, isso reduz a história da sexualidade e do sexo apenas à regulação, ao silenciamento, à censura e à proibição, sendo que é construída socialmente. Em seus estudos, Foucault (2003) ainda esclareceu que regular a sexualidade, enquanto dispositivo, levou à repressão de modelos desviantes, ao controle de natalidade e à definição das perversões sexuais como sendo de ordem patológica.

Com isso, subordinados à observação a fim de serem controlados socialmente pelos discursos reguladores, se encontravam os seguintes grupos: o da mulher histérica, com grande pulsão sexual; o da criança masturbadora, que devia ser observada constantemente pelos pais e ter ‘escondido’ o seu corpo ao se deitar; o casal que faz uso de outras maneiras para se obter prazer sexual e, desse modo, controla o ato procriativo; e, por fim, o que é tido como ‘pervertido’, o sujeito que padecia de alguma doença, até então, o homossexual (LOURO, 2001).

Weeks (2001) alia a essa preocupação a questão da saúde geral, especialmente no que diz respeito à transmissão de IST (Infecções Sexualmente Transmissíveis). Tal preocupação, por sua vez, acaba por contribuir para que se alimente uma espécie de *pânico moral* (LOURO, 2001), no qual existe a tentativa de preservar a pureza da criança diante dos desvios de sexualidades não heterossexuais e heteronormativas. Ainda que a sexualidade ganhe espaço na mídia e também na literatura, as sexualidades desviantes continuam a ser encaradas como anormais, e pior, no caso da bissexualidade, vista como a incapacidade de escolha de sexualidade sob um viés de binarismo (masculino e feminino) que invalida a vivência bissexual. Além disso, ainda opera, nesse modo de encarar a bissexualidade e as sexualidades em geral, o dispositivo do armário (SEDGWICK, 2007), que regula o que é público e o que é privado, garantindo a manutenção dos privilégios e o lugar dominante da heterossexualidade. Essa discussão proposta por Eve Kosofsky Sedgwick (2007) enfatiza a necessidade, ainda presente na sociedade, de delimitar as sexualidades em padrões binários (heterossexual x gay) como forma de controlá-las, possibilitando aos sujeitos saírem do armário, porém oprimindo-os por essa saída mesma a ponto de retornarem a ele. Dessa forma, acatando-se a existência proibida de circulação das sexualidades desviantes, é reforçada também a ideia de exterior constitutivo (BUTLER, 2002).

Na maior parte das vezes, ainda, o bissexual é pejorativamente qualificado como ‘gay enrustido’ e sendo ‘esperável’ dele que escolha um sexo com o qual queira se relacionar afetivo-

sexualmente em detrimento de outro, colocando-o nos moldes binários e autoexcludentes. Existe uma invisibilidade da bissexualidade, de modo que a vivência da afetividade bissexual é transposta para uma vivência homossexual ou heterossexual. Na Literatura, especificamente na obra escolhida para análise, essa vivência é expressa sob a forma da relação afetiva dos dois jovens protagonistas, conforme abordamos a seguir.

Um milhão de finais felizes

A obra narra parte da história de Jonas, que se sente perdido quanto às decisões de sua vida, especialmente no contexto de extremo conservadorismo dos pais (a mãe é muito religiosa e o pai, que aparentemente não é religioso, está sempre reclamando e discutindo com ele). Ao terminar o ensino médio, não vai direto para uma faculdade, pois não sabe o que cursar ainda e acaba conseguindo um emprego em uma cafeteria que lembra as da popular rede *Starbucks*. O jovem leva uma vida de constantes conflitos em relação a expressar sua sexualidade, sabendo que isso pode trazer desgosto para sua família e, como alternativa para externalizar o que sente, escreve histórias sobre as ideias que tem no decorrer dos dias (anotando-as em um caderninho que mantém sempre no bolso). Uma história em particular toma forma quando ele conhece, no seu local de trabalho, um rapaz ruivo, barbado, particularmente atraente e se sente encantado por ele.

Esse rapaz é Arthur, o ruivo universitário que estagia na área de design de uma agência publicitária. Mais tarde na narrativa, ele conta para Jonas, em um de seus encontros, que é bissexual e evidencia que esse é o *deal breaker*² de toda história que ele tenta ter com as pessoas. Arthur apaixona-se por Jonas, já que o mesmo não se afasta por aversão à sua bissexualidade e permanece ao seu lado a partir de então, nos acontecimentos que se desenrolam na narrativa.

Com uma escrita simples e de fácil assimilação, voltada predominantemente para o público mais jovem, *Um milhão de finais felizes* apresenta uma história do cotidiano (COELHO, 2000b): um jovem que aceita sua homossexualidade e tem de escondê-la em favor dos familiares, mas que, ao ter esse ‘segredo’ revelado, é expulso de casa pelos pais e precisa aprender a lidar com a vida de uma forma totalmente nova, sem o seio familiar. No decorrer da trama, são apresentados personagens que fazem parte do grupo das sexualidades desviantes (lésbicas, bissexuais), além de uma personagem que expressa uma performance de gênero *crossdresser*. Essa diversidade de

² Funciona como uma espécie de elemento que faz com que o clima romântico do encontro seja quebrado, resultando em uma das pessoas perder o encanto pela outra.

identidades das personagens corrobora com a multiplicidade de temas que hoje se fazem presentes na literatura juvenil (COELHO, 2010), ainda que seus dramas e inquietações não sejam tão aprofundados quanto à personagem protagonista. Fazem-se presentes, contudo, pois, dessa forma, conseguem representar, na obra, a diversidade contida na sigla LGBT.

Arthur, a personagem que protagoniza o par romântico com o Jonas, é descrita, inicialmente, da seguinte maneira:

Seu cabelo é castanho avermelhado e sua pele é muito branca, cheia de sardas. Seu rosto é coberto por uma barba ruiva cheia, de uma tonalidade um pouco mais clara que o cabelo. Seus olhos não são azuis nem verdes, são uma mistura dessas duas cores. (MARTINS, 2018, p. 13-14).

O jovem, sem saber do nome do rapaz que havia conhecido poucos minutos atrás, passa a chamá-lo de Barba Ruiva. É perceptível que há um encantamento que começa a surgir a partir desse primeiro encontro e, por sua vez, inspira Jonas a dar início à escrita da história a qual ele intitula *Piratas Gays*. Sua ficção vai se espelhar nesse casal de personagens, sua relação com Arthur, promovendo um realismo fictício – sua realidade entremeada numa narrativa outra dentro da obra.

Esta história – *Piratas Gays* – evidencia o que Coelho (2000b) configura como realismo maravilhoso. Isso porque, no decorrer dessa narrativa específica (interna à obra e constituinte do e no enredo principal), o elemento fantástico entra em ação na composição do enredo em que se encontra a história de dois jovens piratas gays que se apaixonam, têm sua relação descoberta e são lançados ao mar para encontrarem a morte, sendo trazidos de volta à vida por meio de uma entidade divina, semelhante a uma sereia, que os transforma em tritões. Apesar do final fantasioso, essa curta narração é enlaçada pelos acontecimentos do cotidiano de Jonas, adquirindo certo grau de realismo.

Jonas encontra o até então Barba Ruiva novamente em uma festa de carnaval, e é nela que eles têm a primeira conversa, durante a qual ele faz uma apresentação de si mesmo: chama-se Arthur, estuda design e estagia em uma empresa de publicidade. Entre idas e vindas, eles acabam tendo outros encontros, sobretudo no trabalho de Jonas e, em um deles, particularmente, é evidenciada a sexualidade de Arthur:

— Teen Wolf é muito bom, eu juro. E tem o elenco mais lindo da história de todas as séries já criadas.
— Eu não sou o tipo de pessoa que assiste qualquer coisa só por causa de macho — eu minto, porque eu sou totalmente esse tipo de pessoa.
— Eu não tô falando só dos homens — ele diz, olhando nos meus olhos.
Fico em silêncio.

— Acho que agora é o momento ideal para dizer que sou bi. Esse é o *deal breaker* oficial na maioria das minhas histórias com outras pessoas — Arthur confessa.

Eu continuo em silêncio, porque dá para sentir que ele quer falar mais.

— Minha primeira namorada terminou comigo depois que eu contei porque ela achava que eu era um gay que ainda não estava pronto pra sair do armário. Depois eu tive um namorado que terminou comigo porque ele achava que eu era um hétero que estava só experimentando. E esse é o resumo de todos os meus relacionamentos amorosos.

— Isso nunca vai ser um problema pra mim — eu digo, desconfortável, porque não ter problema nenhum com a bissexualidade dele é o mínimo que se espera de qualquer pessoa decente. É meio deprimente que eu tenha que deixar isso claro (MARTINS, 2018, p. 164).

A conversa dos jovens gira em torno do seriado de TV *Teen Wolf*³ quando Arthur torna evidente para Jonas a sua bissexualidade. O fato de encarar essa autoafirmação com certo receio coloca em evidência o medo de ser entendido como indeciso em relação à sua orientação sexual, interferindo na incerteza do outro sobre que tipo de relação será a mais certa, uma vez que, em uma lógica de binarismo sexual, na qual o homem deveria se sentir atraído apenas pelo sexo feminino, não é cabível que um indivíduo goste e mantenha relações afetivas e eróticas com outras pessoas do mesmo sexo e de outro. A partir do receio que a personagem apresenta, pode-se perceber os efeitos do dispositivo do armário em operação (SEDGWICK, 2007), em se tratando do fato de que o jovem precisa explicar para o outro que sua sexualidade é diferente do que seria convencional em um molde binário (heterossexual – gay), e, por isso, não é bem interpretado.

A explicação dele reforça esse fato, ao expressar que a primeira namorada terminou o namoro por achar que ele era gay e que não estava pronto para se aceitar dessa forma. Além disso, também mencionou que o segundo namorado, semelhante ao namoro anterior, terminou o relacionamento por achar que ele, Arthur, era um heterossexual que só estava em busca de novas experiências com pessoas do mesmo sexo.

A maneira como Jonas reage expressa certa preocupação do autor em expor, ainda que superficialmente, o problema da invisibilidade e do quão desviante a bissexualidade é univocamente percebida: “não ter problema nenhum com a bissexualidade dele é o mínimo que se espera de qualquer pessoa decente” (MARTINS, 2018, p. 164). O fato de não ter nenhuma ressalva ou preconceito, isto é, respeitar a bissexualidade é algo, para a personagem de Jonas, relacionado à decência, logo, a um agir ético e de boa moral. Entretanto, no que diz respeito à aceitação da homossexualidade, a bissexualidade gera diversos conflitos na aceitação social de uma relação com

³ O seriado retrata os desafios de um adolescente que tem sua vida mudada quando é arranhado por um lobisomem enquanto procura um cadáver junto com um amigo em uma floresta. Ao se transformar em lobisomem, o jovem tem que lidar com sua identidade problemática ao passo que passa pelas mudanças da adolescência.

ambos os sexos. Ainda que a bissexualidade seja uma narrativa pessoal (LOURO, 2001), ela faz parte do exterior constitutivo que reafirma a lógica de regularidade heterossexual (BUTLER, 2002), tornando, para o jovem, mais difícil ainda aceitar a sua bissexualidade. Esse conflito de aceitação ainda pode fazer parte do seio familiar, conforme vemos no excerto que se segue:

— Quando o Arthur contou para a gente que é... você sabe — Ângelo diz, olhando para mim.

— Bissexual — Arthur completa quando percebe que o pai não vai terminar a frase.

— Eu e a Sônia fomos para a cama naquela noite — ele continua, e eu tenho medo do rumo que essa história está tomando —, e eu comentei... Você lembra o que eu disse, amor? Eu disse: o primeiro que esse menino vai trazer pra dentro de casa vai ser homem.

— Ai, eu lembro! Eu achei que você ia trazer uma namoradinha antes pra amenizar, filho! — Sônia diz com uma risada.

Essa conversa é desconfortável em tantos níveis que eu só queria que esse sofá literalmente me engolisse.

— Que ótimo saber que vocês fizeram uma aposta sobre a minha vida afetiva na mesma noite em que eu me assumi pra vocês. Realmente isso era tudo o que eu precisava — Arthur responde (MARTINS, 2018, p. 300-301).

Apesar de os pais de Arthur mostrarem que aceitam a sexualidade do filho, acordaram uma espécie de aposta para saber quem ele apresentaria para eles, se um namorado ou uma namorada, levantando em consideração que a primeira pessoa a qual ele lhes apresentasse serviria como principal elemento definidor da verdadeira sexualidade do filho, reforçando, mais uma vez, o estereótipo de que ele não teria se descoberto ainda. Sob esse prisma, sair do armário, para os pais, e explicar qual é a sua sexualidade, o introduziu em uma relação reguladora de poder (FOUCAULT, 2003), na qual os pais ditariam qual papel sexual seria o mais apropriado para amenizar o que talvez outros, que não são os familiares, pudessem pensar. Nesse sentido, o personagem tem sempre de realizar uma saída do armário para explicar, para qualquer pessoa com que for se relacionar, que é bissexual, contribuindo para a manutenção da estrutura do dispositivo do armário (SEDGWICK, 2007). Por fim, a reação de Arthur às demandas dos pais evidencia a insatisfação de não querer se conformar com essa regulação sexual, uma vez que toda preocupação dos pais com relação à definição de uma sexualidade específica, além das demonstrações de amor que eles externam pelo filho ante ao novo namorado, não passava de fachada: “Eles literalmente não estão nem aí. Tipo, fisicamente aí. E ainda teve toda aquela coisa dos dois apostando quem eu ia namorar primeiro” (MARTINS, 2018, p. 303).

Outro momento em que ganha evidência a ação do exterior constitutivo (BUTLER, 2002) e, por sua vez, a invisibilidade da bissexualidade em relação aos outros tipos de sexualidade na obra é

quando as personagens se preparam para uma Parada da Diversidade. Eles decidem ir juntos e, em meio à preparação para o evento, Arthur mostra a camisa que fez exatamente para usar no evento:

Meu namorado põe as mãos na cintura e estufa o peito mostrando sua camiseta. Ela é rosa e tem as mangas roxas. A estampa tem um biscoito sorridente desenhado por Arthur (eu reconheço seu traço em qualquer lugar) e embaixo está escrito com letras grandes “O B NÃO É DE BISCOITO”. Arthur se vira e nas costas da camiseta está escrito “BISSEXUAIS EXISTEM” (MARTINS, 2018, p. 259).

Dizer que os bissexuais existem configura o esforço para retirar a bissexualidade do lugar de invisibilidade. Pode-se inferir que essa ação expressa o desejo de dar voz às várias sexualidades das personagens na obra. Apesar de não ter uma complexidade psicológica textualmente apresentada quanto o desenvolvimento de Jonas, Arthur traz em si marcas de uma constante luta para ir de encontro à regulação social da bissexualidade e tentar, aos poucos, mudar a realidade de invisibilidade a qual estão sujeitos os indivíduos bissexuais. Isso se mantém expresso nos trechos recortados da obra e observados no presente trabalho. Essas marcas se inscrevem como constituintes de uma identidade sexual que, apesar de ser questionada, se constrói no corpo (LOURO, 2001) da personagem, tendo impacto não apenas nele, mas nos que estão ao seu redor. Afirmar a existência de sujeitos bissexuais abre espaço para que se dialogue com a permanência de um tipo de sexualidade que historicamente vem sendo controlada e invisibilizada, que normalmente é encarada com revirar de olhos, mas que importa em nível de equivalência em relação à homossexualidade.

Considerações finais

Pensar a questão da bissexualidade é algo que está ganhando espaço nas discussões acadêmicas no Brasil, mas que ainda se mantém em diminuta evidência quando relacionada a outros tipos de sexualidade que são desviantes à norma. No decorrer deste trabalho, observamos que a sexualidade atua de acordo com a inscrição dos corpos na sociedade e, como tal, pode ser entendida como dispositivo de regulação em uma série de relações de poder que, inicialmente, se apresentavam de acordo com a prática da confissão nas igrejas e, por conseguinte, na ida ao psicólogo e ao psicanalista. Ela, por sua vez, ancora a constituição psicológica da identidade do indivíduo e pode apresentar-se de diversos modos em correlação à vivência sexual dos sujeitos.

Encontra-se, na obra analisada, uma personagem que, declaradamente, é bissexual e que tenta ir contra o discurso de invisibilidade de si enquanto sujeito político e atuante na sociedade. Essa invisibilidade acontece através dos moldes binários de uma heteronormatividade e heterossexualidade

que, levando em conta o seu exterior constitutivo, excluem o outro que demonstrar ter uma sexualidade desviante e, portanto, ser anormal. Compreende-se que a bissexualidade ainda é vista como a indecisão de se escolher um sexo específico para se relacionar, recaindo, por esse mecanismo regulador, a decisão sobre sua sexualidade no momento de se interessar por alguém. Não existiria, sob esse pensamento pré-modelado, a bissexualidade: haveria ou a heterossexualidade ou a homossexualidade quando o sujeito se relaciona com alguém. Em *Um milhão de finais felizes* percebe-se que, de maneira sutil, há a manutenção dessa linha de pensamento quando Jonas almoça com os pais de Arthur e eles expõem que esperavam que o filho escolhesse primeiro levar uma menina para apresentar como namorada, de modo que houvesse uma continuidade do papel da heterossexualidade no seio familiar, ainda que eles não fizessem caso de o filho se relacionar também com pessoas do mesmo sexo.

Tal maneira de pensar ainda é evidenciada na própria comunidade LGBT: ao tentar se relacionar com um gay, Arthur percebe o entrave quando um outro rapaz, como nos conta, duvida de sua sexualidade e acha que ele é alguém que ainda não se decidiu e só queria experimentar. Diante do exposto, pode-se inferir que há certo grau de abjeção da bissexualidade como sexualidade mais desviante da norma do que a homossexualidade.

Por fim, observa-se que a obra *Um milhão de finais felizes*, escrita de modo a ser classificada como Literatura Juvenil, aborda de maneira importante temas do realismo cotidiano entremeados com aspectos de fantasia. Trazer as várias sexualidades desviantes da heteronormatividade, apresentando uma personagem bissexual central na história, promove tanto a percepção do jovem sobre a existência dessa sexualidade no seu dia a dia quanto discute sua invisibilidade na sociedade. Esse aspecto parece ser algo inovador por parte da obra, levando em consideração a quantidade de romances produzidos com temática LGBT cujo foco se centra na personagem gay. No presente caso, mesmo sendo Jonas uma personagem gay central, sua história, e um dos vários finais felizes possíveis, é compartilhada com Arthur, um homem bissexual nada indeciso, com quem caminha de mãos dadas para novas possibilidades de criação de laços afetivo-sexuais.

Referências

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan:** sobre los limites materiales y discursivos del “sexo”. Buenos Aires: Paidós, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura:** arte, conhecimento e vida. São Paulo: Peirópolis, 2000a.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil:** teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000b.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil:** das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo. São Paulo: Manole, 2010.

CRUVINEL, Larissa Warzocha Fernandes. **Narrativas juvenis brasileiras:** em busca da especificidade do gênero. 2009. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

DIAZ, Elvira Burgos. Desconstrução e subversão: Judith Butler. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 4, n. 7, p. 441-464, 1º sem. 2013.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade:** a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Graal, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In:* LOURO, G. L. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 07-34.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p.17-23, maio/ago. 2008.

MARTINS, Vitor. **Um milhão de finais felizes.** São Paulo: Globo Alt, 2018.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. Tradução de Plínio Dentzien. **Cadernos Pagu**, n. 28, p.19-54, jan./jun. 2007.

SOUZA, Roberto Acízelo Quelha de. **Teoria da Literatura.** São Paulo: Ática, 2007.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. *In:* LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 35-82.

DEVIANT SEXUALITYS: BISSEXUALITY IN *UM MILHÃO DE FINAIS FELIZES*

ABSTRACT: Sexuality is a field that has been gaining space for discussion, in both academic studies and literary production. In this sense, Youth Literature also incorporates this field of discussion in its productions, but, regarding sexualities that do not contemplate the heteronormative mold, there is still a certain invisibility in their treatment and representation in Young Adult Literature. The present work seeks to observe, in the light of the theorists like Michel Foucault (2003), Judith Butler (2002), Jeffrey Weeks (2001), Guacira Lopes Louro (2001), as *Um Milhão de Finais Felizes* (MARTINS, 2018), book of Brazilian Young Adult Literature, represents the invisibility of bisexuality in relation to other sexualities molded according to the devices of oppression and regulation of sexuality. We believe that the way bisexuality is presented promotes an awareness of young readers about their existence and their regulation by heteronormative devices, taking an important step in this context for contemporary Brazilian Young Adult Literature.

Keywords: Invisibility. Sexuality. Young adult literature.